



EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

14. LEÕES, PINGUINS E MUITA ARIDEZ

Nos últimos 100 de nosso trajeto de pouco mais de 900 km, entre San Carlos de Bariloche e Puerto Madryn, entramos numa área que foi ocupada por gente vinda do País de Gales. Passamos por Gaiman, fundada em 1874 e considerada uma ‘autêntica cidade galesa na Argentina’, mas ela não nos encantou...

Isso acontece, sobretudo porque o turista é uma figura que cria expectativas e nós criamos as nossas. Entretanto, ao chegarmos, por volta de 17h, à pequena cidade de seis mil habitantes, encontramos a rua deserta, a igreja fechada e até mesmo as casas de chá que estavam indicadas como ‘imperdíveis’ não atendiam naquele horário. Acho que casa de chá não combina com verão e pronto.

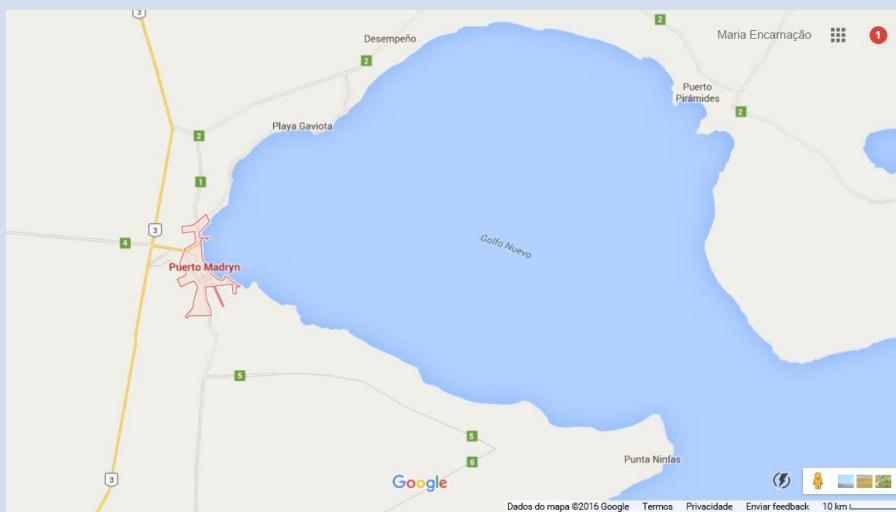


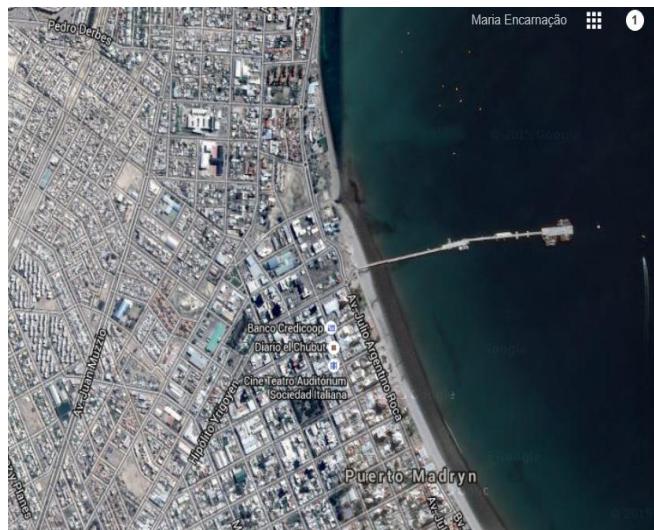


A periferia de Gaiman pareceu muito pobre, como a foto à direita mostra, e esta impressão se acentuou porque, ao deixarmos a cidade, percorrermos vários quilômetros em que havia grandes propriedades rurais que pareciam bastante prósperas, o que compunha um contraste forte com o que acabáramos de ver na área urbana. Este aspecto também chamou muita atenção porque imaginávamos que os descendentes dos pioneiros vindos do País de Gales, em 1865, teriam constituído alguma formação socioespacial com base na pequena propriedade. Se isso aconteceu na origem, não é o que parece ter sido visto agora.

Este povoamento tem sua gênese em 153 pessoas que se lançaram ao mar, fugindo do domínio inglês e aportaram no litoral argentino, entrando pelo território por estas latitudes já relativamente bem ao sul, buscando em seguida, as terras férteis do Rio Chubut, aquele cujo vale acompanhamos, vindo de oeste para leste da Argentina. Informa o Guia da Folha de São Paulo que a maioria dos moradores de Gaiman ainda fala a língua galesa, embora, entre as crianças que brincavam na praça na tarde que ali estivemos, não pudemos perceber isto.

Paciência se Gaiman não estava, nesta tarde, tão interessante como desejávamos; afinal, não atravessamos a Argentina de oeste para leste para ver a ‘colonização’ galesa, mas sim para conhecer a Golfo Nuevo e sua Península Valdés. Para isso, aportamos em Puerto Madryn, a primeira cidade galesa da região, esta, ao contrário de Gaiman, já bastante transformada desde que seu núcleo se implantou, porque agora já são 80 mil habitantes vindos de várias partes do mundo e da Argentina. Assim, ela perdeu suas características originais, associadas ao País de Gales, para se constituir num entreposto comercial importante pelo qual é drenado tudo que é produzido no Vale do Chubut.





Ficamos hospedados de frente para o mar num ponto em que se podia ver o porto e as áreas de banhistas em seguida. Diante do hotel, estava um enorme píer, ao longo do qual uma ou duas embarcações médias estavam atracadas mas, quando chegamos em Puerto Madryn, um transatlântico deixava a cidade e, depois, alguém explicou que ele fazia toda a costa argentina e deveria chegar a Ushuaia (Ops! Outra viagem que dá vontade de fazer. A lista não termina nunca).

Ao chegarmos, tivemos uma primeira vista e eu sei que a foto não está muito boa, mas dá para notar que há uma área industrial, cujas atividades devem estar associadas ao porto. Vista do píer, que percorremos até o final, a cidade é bem bonita e a verticalização bastante presente, para o tamanho demográfico dela, o que indica que uma boa parte dos imóveis deve ser de veraneio.



O ambiente da cidade estava super agradável, respirando férias. Puerto Madryn tem o codinome de “resort de verão”. Fico sempre me perguntando quem inventa estes nomes fantasias para as cidades – Cidade Maravilhosa para o Rio de Janeiro; Veneza Brasileira para Recife; Cidade Luz para Paris; Big Apple para New York etc. Digamos que alguns destes apelidos são uma espécie de ‘forçada de barra’, mas o fato é que pegam.

Se ela não chega a ser um resort, ao menos, em minha opinião, transpira um jeito muito especial de “estamos todos de papo para o ar”. A maior parte das pessoas circulava, calmamente, os restaurantes eram gostosos e ver o Atlântico mudou o jeito da viagem que, até então, estava muito continental. Passeamos pela avenida da orla, em que se misturam lojas de quinquilharias, outras de roupas esportivas muito elegantes, hotéis, restaurantes, agências de turismo que vendem os pacotes de passeios ao golfo e um pequeno *shopping center*, com lojas bastante sofisticadas, no qual se percebia que circulavam, sobretudo, turistas. Saindo um pouco da área portuária, a avenida se estendia, ao longo de pequenas praias, em frente às quais estavam os prédios que suponho que sejam de veraneio. Havia algumas edificações em construção e/ou a existência de *stands* de vendas bem montados, o que mostrava que, pelo menos para quem pode ter imóvel de segunda moradia, a crise econômica talvez não esteja muito grande.



Quando se consulta o dicionário para saber o que significa ‘caráter’, encontramos muitos sinônimos. Alguns deles se associam mais ao campo de ética e da moral, outros remetem à ideia de autenticidade ou a marcas que identificam uma pessoa ou um povo. Fui olhar porque gostei muito da expressão *Carácter Patagónico*, que dá, inclusive nome a um vinho produzido neste território. O fato de que a região foi ocupada pelos brancos, tardeamente, e que eles eram, em muitos casos, aventureiros, piratas e mercadores legais e ilegais, ajuda a compreender parte do tal *carácter patagónico*. Entretanto, me ocorreu que, para explicar o substantivo caráter, quando é o caso de referência a um território, deveria haver analogias não apenas à história ou às tradições de um povo, mas se poderia adotar características de seu quadro natural para representar seu caráter.

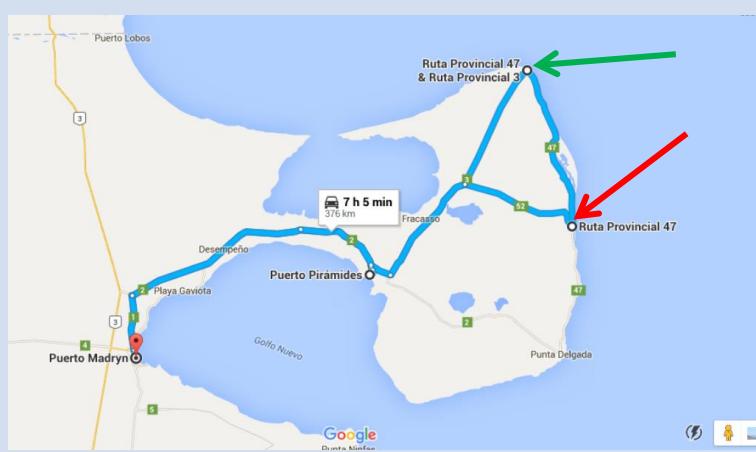
As formas rochosas magníficas que apreciamos no Vale do Rio Chubut, por exemplo, para mim, já são explicações ou características do *Carácter Patagónico*. Igualmente, a vegetação típica dos climas semiáridos, com pouca ou nenhuma formação arbórea, cujos tons amarelados revelam que a umidade e as chuvas constantes não são o forte deste território. No entanto, se eu quisesse por meio de um traço natural traduzir o principal traço do caráter desta

região, escolheria o vento. É impressionante como venta nestas paragens. Já tínhamos experimentado isso em El Calafate e em Ushuaia, outros dois pontos marcantes da Patagônia, mas achei que Puerto Madryn e, depois, a Península Valdés são paradas duras: venta muuuuuuuuito. Não é a toa, que depois observei que todas as mulheres ou têm cabelos muito curtos (a la Elis Regina) ou estão com ele preso. Vendo as fotos, dá para constatar que eu estava mesmo desavisada: vejam o estado do meu penteado!



Quando estávamos, ainda, planejando esta viagem e ficamos na dúvida entre nos hospedarmos em Puerto Madryn, principal cidade da região, ou Puerto Pirámides, núcleo mais integrado ao parque chamado Reserva Provincial da Peninsula Valdés, não tínhamos noção de como as distâncias eram grandes. Ficando na primeira cidade, tivemos que percorrer 376 km, parte deles em estrada *de ripio* (sem asfalto), para cruzar a península e conhecer sua parte centro norte, deixando de lado Punta Delgada no sul onde, segundo as boas explicações dadas pela funcionários que orienta os turistas no ponto de apoio existente na entrada do parque, o acesso à orla está privatizado por um restaurante que cobra para quem deseja ver os elefantes marinhos.

Se o leitor está se perguntando se a opção de nos hospedarmos em Puerto Madryn foi errada, já aviso que não, porque é uma cidade muito melhor equipada para receber turistas e propiciar várias experiências. No entanto, para fazer esta afirmação me refiro a turistas do meu tipo e se você, ao contrário, gosta muito de “natureza natural”, de vida rústica e de fotografias de animais, acho que você deve se hospedar em Pirámides, um pequeno povoado onde há alguns hotéis simples, *cabañas* para aluguel de temporada e agências que preparam roteiros para os mais esportistas, como passeios de caiaque em alto mar.



Já em Puerto Pirámides, vimos a primeira turma de leões marinhos, contornando uma parte dos rochedos. Procurando agora no Google Maps (pelo street view), encontrei a foto desta pequena enseada onde eles se alojam sobre a pedra para ‘pegar um bronzeado’. No dia em que lá estávamos, eles eram algumas dezenas, que gritavam sem parar.



Foi também pelo *street view* do Google Maps que obtive esta vista da cidade bem situada na pequena baía. O azul do mar era muito intenso e os frequentadores desta praia tinham certo estilo de ‘bicho grilo’ dos anos de 1960.

Leitor, você é jovem e não sabe o que quer dizer ‘bicho grilo’? Vire-se. Para isso, existe o Santo Google!!!



Não dá para descrever o que foi atravessar a península: se o nosso era o único carro na estrada, seguíamos firmes, deixando um rastro formado por um pó tão fino que, mesmo estando com o carro hermeticamente fechado, é como se nossos pulmões estivessem se enchendo dele; se, ao contrário, cruzávamos com outro veículo ou algum nos ultrapassava, lá ficávamos imersos, verdadeiramente, numa nuvem de poeira que nos possibilitava visibilidade de, no máximo, 5 metros adiante do vidro. Como o percurso não era pequeno, para uma estrada sem asfalto, sou sincera de contar que me perguntei em silêncio mais de uma vez: “o que viemos fazer nesta península?”

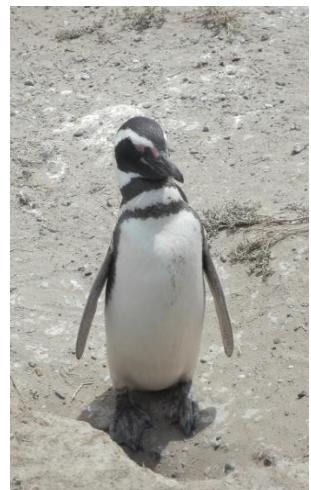
Quando o percurso estava para lá de monótono, apareceu uma llama. Ou seria uma alpaca, ou uma vicunha ou um guanaco? Não importa, parar para fotografá-la(o) possibilitou ver que a aridez não era tanta que não pudesse haver flores e logo ali adiante já estava o mar.



Quando chegamos ao Atlântico, na faixa leste da península, deparamo-nos com um mar de um azul tão doce e tão úmido que me encantou, mais ainda porque ele contrastava com a orla pedregosa, a vegetação assemelhada a um capim seco e os tons de cinza que dominavam a paisagem que havíamos acabado de cruzar. Ficamos imediatamente animados para descer do carro e assim que o fizemos o danado do vento parecia nos cortar, mas eram compensados pelo sol lindíssimo.



E... lá fomos nós, empoleirados nos mirantes indicados no mapa do parque para, de cima de algumas falésias, olhar para baixo e ver uma linda comunidade de pinguins. Estávamos parados no ponto assinalado com uma flecha vermelha no mapa. E lá estavam eles! São uma graça não é mesmo?





Neste ponto, onde o mirante nos possibilita apreciar as graças dos pinguins, havia muitos turistas estrangeiros (não brasileiros), a maior parte deles com máquinas fotográficas de tirar o chapéu, com aquelas objetivas incríveis. Parecia até que os simpáticos bichinhos sabiam disso e pousavam solenemente.

Seguimos, margeando o Atlântico, na direção norte, e chegando em Punta Norte, onde está a flecha verde no mapa, pudemos, novamente, ver hordas de leões marinhos. Em Puerto Pirámides, já havíamos nos ‘encontrado’ com eles, mas a uma distância maior. Agora, podíamos ouvir seus berros que ecoavam, retumbantemente, mostrando que a natureza pode ser tão barulhenta como uma metrópole da periferia do capitalismo, por exemplo, São Paulo. Já experimentou o barulho desta cidade na Avenida Radial da Zona Leste numa 6ª. feira, final de tarde, antes da chuva? Pois é, era muito mais que isso.



Por que tanto barulho? É assim todo o tempo?

Consultando o Guia Visual é que fui constatar que janeiro é, justamente, o mês indicado para se visitar os leões marinhos, pois é, ao mesmo tempo, o mês de nascimento de filhotes e de

novos acasalamentos. As leoas que recém pariram filhotes ficam com eles na areia, tomando conta da prole, como na foto da esquerda. Aquelas que já passaram desta etapa ficam dando bola, para serem conquistadas, dentro da água e bem perto da praia (vejam a foto da direita).

Cada leão marinho ‘sênior’ espera que os leões mais jovens saiam à conquista delas e assim que eles vão se aproximando da faixa de areia mais seca, o ‘dono do pedaço’ toma as fêmeas e vai empurrando os jovens para a água com gestos que são extremamente engraçados, porque este bicho é, em si, muito estranho. Ele é um leão sem patas, anda com dificuldade apoiado nas nadadeiras posteriores, como um bípede, e com as anteriores vai batendo nos leões dos quais toma a ‘mulher conquistada’. Como ele não é ágil, nem rápido, nem tampouco parece ter tanta força nas nadadeiras, fiquei com a impressão que ele verdadeiramente “ganha no berro”... e que berro!!!

Pelas informações, um leão ‘dono de um pedaço’ é capaz de copular com muitas fêmeas no mesmo dia e fica ali com elas e com seus filhotes, demarcando território, e esperando que novas fêmeas que estão na água sejam trazidas a eles (vejam a foto logo a seguir).



Bem aí, em Punta Norte, onde se encontram as Rutas Provinciales 47 e 3 nada mais havia, além deste mirante para apreciar os leões marinhos, que um solitário bar, o Punta Norte Café (com alguns quartos anexos para aluguel), de onde se podia ver, pela janela, o poço e a vegetação típica de uma região semidesértica. Senti, olhando a fachada do estabelecimento, como se eu estivesse num filme de Hollywood, retratando um ponto qualquer no caminho para o Oeste. Parecia que eu estava vivendo o papel de Jasmim, representado por Marianne Sägebrecht, no filme alemão Bagdad Café, rodado no deserto californiano denominado Mojave, o mesmo do filme Paris Texas.

Embora o sol brilhasse intensamente, tive que recorrer a uma jaqueta de couro em pleno verão. Mesmo nesta pontinha do litoral argentino, onde parece não haver gente, mas somente pinguins e leões marinhos, encontramos uma deliciosa e confortante empanada para aplacar nossa fome. Em qualquer lugar que a experimentamos, na Argentina, ela era maravilhosa.



Foi ótimo conhecer a Península Valdés. Seguimos pela estrada levantando a poeira clara, fazendo o percurso de volta. Ao chegarmos em Puerto Madryn, abrimos a porta para descer, e caiu uma porção enorme de poeira que se infiltrou apesar da borracha que a Ford acha que é capaz de vedar o carro.

Banho gostoso e um jantar no excelente Restaurante Plácido, que além de estar com o ‘pé na areia’, olhando para o mar, tinha um ótimo cardápio e uma decoração muito bonita.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2016